

Resenha: *Voice-over Translation: an Overview*

John Milton*

FRANCO, E.; MATAMALA, A.; ORERO, P. *Voice-over Translation: an Overview*. Bern: Peter Lang, 2010.

Em várias visitas a Polônia nos anos de 1990, liguei a televisão no hotel e assisti às novelas mexicanas e brasileiras. Não eram nem legendadas nem dubladas. No fundo ouviam-se as vozes originais em castelhano ou português, e uma voz monótona masculina traduzia todas as falas das personagens, tanto as de crianças quanto as de senhoras. Meu polonês não era suficientemente bom para verificar a qualidade das traduções, mas a minha impressão era que fosse um tipo de tradução de péssima qualidade, com graça nenhuma e, para minha surpresa, descobri que os poloneses de fato preferem esse tipo de tradução (50,2%) à dublagem (43,4%), com legendagem em terceiro lugar (8,1%) (p.47).

Essa técnica chama-se *voice-over* e também foi utilizada no cinema. Uma amiga polonesa me contou que, no começo dos anos 1980, ela foi assistir *Greystoke*, filme de Hollywood sobre Tarzan. A fita do *voice-over* que acompanhava o filme não funcionava, então mostraram o filme na versão original, abaixaram o volume e uma mulher com um microfone, uma pequena lâmpada e uma versão do roteiro em polonês fazia a leitura em voz alta durante a projeção do filme. Foi considerado completamente normal pela plateia.

* Professr titular do DLM/FFLCH/USP. Email: jmilton@usp.br.

O *voice-over* é muito comum na televisão em vários países, especialmente em documentários: a voz original começa a falar e poucos segundos depois, o volume da voz original é baixado e entra a nova voz na língua alvo.

Eliana Franco, professora da UFBA, fez seu doutorado na Universidade de Leuven sobre *voice-over* (“Revoicing the Alien in Documentaries: Cultural Agency, Norms, and the Translation of Audiovisual Reality”, 2000), mostrando a maneira na qual, em documentários sobre o Brasil em alemão, francês e holandês, a nova voz nem sempre faz uma tradução acurada do original, e muitas vezes altera o conteúdo, nesse caso para dar ao telespectador uma visão simplificada do Brasil, enfatizando os clichês do exotismo, da violência e da divisão de classes.

Este livro, que Eliana escreveu junto com Anna Matamala e Pilar Orero, pesquisadoras e professoras catalãs que ministram cursos de *voice-over* no Programa de Mestrado em Tradução Audiovisual na Universitat Autònoma de Barcelona, é um tipo de enciclopédia sobre *voice-over*. Um capítulo inicial relata a história e o *background* de *voice-over*. Os capítulos subsequentes são mais práticos: Capítulos 2 e 3 tratam de descrever o trabalho de fazer o *voice-over* de um programa já pronto, com vários exemplos; Capítulo 4 concentra-se no *voice-over* de entrevistas, quando não há nenhum roteiro pronto, muitas vezes feito por jornalistas; Capítulo 5 relata a experiência de montar e ministrar dois cursos em *voice-over* no Mestrado em Tradução Audiovisual na Universitat Autònoma; Capítulo 6 relata os resultados de uma pesquisa global sobre *voice-over*. O livro termina com uma extensa bibliografia comentada de 37 páginas. E cada capítulo termina com “Suggested exercises”, que são muito didáticos.

No Capítulo 1 encontramos alguns dos elementos básicos de *voice-over*. Um elemento muito importante é o fato de que em *voice-over* sempre se escuta as vozes originais durante alguns segundos no começo e no fim do programa ou da entrevista e, em muitos casos, as vozes originais são mantidas durante todo o programa, mas em volume baixo. As autoras citam Francine

Kaufmann, que chama isso de um “mecanismo ilusório” que dá a impressão que o que está sendo dito na tradução está no original. A clareza é uma característica do *voice-over* e, diferente da dublagem, idiosincrasias, hesitações e sotaques serão cortados.

Então, considera-se esse modo de tradução adequado para gêneros audiovisuais que retratam a “realidade”, como documentários e entrevistas. É essa característica que diferencia *voice-over* de “comentário”, uma técnica frequentemente utilizada em filmes, onde haverá uma voz, de uma personagem ou não, que narra, reflete ou comenta a ação do filme, muitas vezes de uma visão pessoal.

O *voice-over* também tem semelhanças com outros tipos de tradução. É uma forma de interpretação, mas sem o elemento imediato da interpretação. Pois, em geral, o tradutor que prepara o *voice-over* terá certo tempo para preparar a tradução. Também tem características da dublagem sincronizada, mas não pretende criar a ilusão de ser a fala original. Outra forma de dublagem é a dublagem não sincronizada, quando a fala dublada não é sincronizada com as falas do original, mas, nesse tipo de tradução não se escuta as vozes do original no fundo.

E o *voice-over* pode ser combinado com outros tipos de tradução. Na Letônia pode-se assistir programas de televisão importados com *voice-over* em letão e legendas em russo. Na Televisión de Catalunya, a norma é de substituir a narração por uma narração traduzida e utilizar *voice-over* para entrevistas, diálogos e outras intervenções. E quando entram trechos de filmes, usa-se legendagem.

Uma versão de *voice-over* é a tradução Gavrilov, uma gravação de primeira mão, muitas vezes não preparada, chamada assim por causa de Andrey Gavrilov, um dos intérpretes que traduzia filmes estrangeiros para a Comissão Estadual para Cinematografia na União Soviética. Às vezes, os intérpretes tinham tempo para assistir o filme e preparar antes, mas muitas vezes tinham de interpretar o filme sem qualquer preparação prévia. As características do *voice-over* Gavrilov são uma voz única, geralmente

masculina, traduzindo todas as vozes originais, que podem ser ouvidas no fundo, em um ritmo muito rápido, sem qualquer emoção. Foi esse o tipo de *voice-over* que escutei quando estive na Polônia. E a diferença com documentários em *voice-over* é que não se deixa alguns segundos do original no começo e no fim.

Mas, uma nova geração de especialistas em *voice-over* nem sempre segue esse tipo de tradução. Dmitry “Goblin” Puchkov é famoso por seus *voice-overs* engraçados, introduzindo elementos que não constam no original, e até palavrões (p.48).

Os Capítulos 2 e 3 comentam as condições de trabalho do tradutor de *voice-over*. Em geral, um estúdio de dublagem terceiriza o trabalho com um prazo muito limitado, muitas vezes de 48 horas, ou, no caso de uma entrevista em um telejornal, poucas horas, enviando o roteiro e/ou o vídeo a ser traduzido por e-mail. Embora não haverá sincronização de lábios na versão final, o tradutor tem de se preocupar com a movimentação e o elemento visual (p.81). Se a pessoa na tela fala “Olha para o céu” e olha para o céu, o *voice-over* tem de falar essa frase na língua de chegada nesse exato momento. Assim, o tradutor de *voice-over* terá de fazer uma divisão de tempo do filme usando o registro de tempo, semelhante ao tradutor de legendas em DVDs.

Voice-over Translation é um livro muito bem-vindo no campo muito dinâmico da Tradução Audiovisual. Com os avanços em tecnologia, vemos mudanças constantes e a evolução de novos tipos de tradução. Há 20 anos quem ouviu falar de audiodescrição, *fansub*, *scanlation* e *voice-over*?